SIMENON

A CASA DOS KRULL

cavalo de ferro

1

Da casa dos Krull, da família Krull, aquilo que Hans — que era também ele um Krull, mas um puro, um Krull da Alemanha — viu primeiro, antes mesmo de sair do táxi, foi um anúncio num papel transparente colado na porta envidraçada da loja.

Curiosamente, quando tantos detalhes o solicitavam, só teve olhos para esse anúncio, de que decifrou, lidas ao contrário, as duas palavras: *Amidon Remy*.

O fundo era azul, de um azul-ultramarino, e um leão branco e pacífico ocupava o centro da imagem.

O resto, nesse momento, não existiu senão em função desse leão com uma crineira imaculada como roupa branca: um outro anúncio, também transparente, com as palavras: *Bleu Reckitt*; mas este, sem razão especial, desempenhava apenas um papel secundário; uma palavra pintada a amarelo, uma parte das letras na vidraça esquerda da porta, outra parte na direita: *Bar*; uma vitrina a abarrotar de cordames, lanternas, chicotes e peças de aprestos; por fim, algures sob o sol, havia um canal, árvores, barcaças imóveis e, ao longo do cais, um eléctrico amarelo que passava a chocalhar.

— *Amidon Remy!* — soletrou Hans ao sair do veículo.

As palavras assemelhavam-se ainda mais a um totem, por Hans pouco perceber de francês e ignorar o que aquilo queria dizer.

Levantando a cabeça e enfiando o troco no bolso, pensava:

Vamos lá ver como são os Krull de França!

Por cima da loja, estava uma janela aberta e podia ver-se a metade superior de um jovem em mangas de camisa sentado à frente de uma mesa coberta de cadernos. De outra parte da casa chegavam fortes acordes de piano.

Eis senão quando, Hans avistava, por trás da montra de artigos náuticos, numa penumbra que parecia longínqua, a fronte de uma mulher, uns cabelos grisalhos, uns olhos.

No mesmo instante, o jovem em mangas de camisa apoiava-se no parapeito da janela do primeiro andar e olhava com curiosidade para o táxi; à direita, abria-se mais uma janela, revelando o rosto anguloso de uma rapariga...

Havia apenas três metros de calçada a atravessar, uma porta envidraçada a empurrar. Com a mão esquerda, Hans carregava uma mala de cabedal amarela, mais exactamente de cabedal sintético, mas muito bem imitado, como sabem fazer na Alemanha. Como era alto, dava passos largos. Um passo. Dois passos. Estendia o braço para girar o puxador da porta e esta abria-se sozinha, enquanto uma voz extraordinária, uma voz de mulher, mas rouca, com uma mistura cacofónica de graves e agudos, guinchava em primeiro plano, sobrepondo-se a todos os outros ruídos:

— Claro que é uma devassa e sabe bem disso... Aí em casa são todos uns devassos!... Não só ladrões, ladrõezinhos imundos, mas devassos...

Hans, de mala na mão, teve de parar, enquanto duas mulheres se empurravam na soleira da porta, cada uma sacudindo a outra e tentando empurrá-la para fora, obstinando-se a megera em terminar o seu monólogo.

Hans ficara impressionado com uma palavra, a palavra «devassos», de que julgava conhecer o significado, mas que não conseguia ver aplicada a uma família Krull. Depois, houve

outra palavra, pronunciada pela comerciante de cabelos grisalhos, provavelmente sua tia:

— Vá, Pipi, não armes um escândalo!

E «Pipi» foi arrumar-se numa gaveta da sua memória, onde já se encontrava o amido *Remy*.

Tudo isto durara o tempo de sair do automóvel, pagar ao motorista e atravessar um passeio. Já o jovem do primeiro andar emergia da loja, agarrava na mulher bêbeda por um braço e a empurrava com violência suficiente para ela cambalear durante vários metros.

— Hans Krull? — questionou ele, pegando na mala do viajante.

— Sou eu, sim — respondeu Hans em alemão.

Apesar de tudo, ainda precisava de um tempo para se habituar: a tia olhava-o de cima para baixo, de baixo para cima, mas percebia-se que o que a impressionava mais era a mala com botões de níquel reluzentes.

— Entre, primo — dizia o jovem, que lançava um olhar ameaçador à mulher chamada Pipi.

Então, foi a vez do cheiro. Não de imediato: primeiro que tudo, a campainha. Quando a porta se abria e voltava a fechar, escutava-se um som que se ficava com a sensação de nunca ter sido ouvido em qualquer outro lugar.

Só depois, de dentro da loja, vinha o cheiro, uma mistura de alcatrão da Noruega, usado para calafetar barcaças, de cordas e de especiarias, com um toque predominante de álcool servido num canto do balcão.

— Venha para a sala, primo... Não esperávamos que viesse de carro... Anna!... Élisabeth!... O primo Hans chegou!...

Atrás da loja, Hans entreviu uma cozinha, que logo percebeu tratar-se do centro da casa, mas fizeram-no virar à direita, atravessar um frio corredor lajeado de azul e entrar numa sala onde uma jovem abandonou apressadamente o banquinho do piano.

— Bom dia, primo...

— Bom dia, prima...

— Esta é a Élisabeth, a quem o meu pai chama Liesbeth... Esta é a Anna... Eu sou o Joseph...

— Não fala mesmo francês? — questionava Élisabeth, enquanto a mãe, com as mãos na barriga, permanecia imóvel, na moldura da porta.

— Muito pouco... Muito mal... Tem de me ensinar...

Todas as apresentações são desagradáveis, mas Hans mantinha o bom humor, um bom humor particular que não se conhecia naquela casa. Era uma leveza tanto física quanto moral. Movia-se com desenvoltura e os gestos eram graciosos como os de um dançarino, enquanto os olhos, pequenos, cintilavam com alegria de viver e talvez alguma malícia.

— Quer que lhe mostre o seu quarto, primo? — perguntava Joseph, que tinha praticamente a mesma idade, vinte e cinco anos, mas que se movimentava com uma esforçada rigidez.

Os degraus das escadas estavam encerados e rangiam. A casa inteira exalava o cheiro da loja, menos forte, com relentos de intimidade no andar de cima. Pela janela do patamar, avistava-se um pátio, um jardim com uma única árvore.

— Por aqui, primo... O quarto é amansardado, mas dá para o canal... Não se quer lavar?

Hans olhou para as mãos, que estavam perfeitamente limpas. Sorriu, quase explicou porquê. Devia dizer-lhe?

Ainda não!, decidiu. Mais tarde, talvez contasse que, no comboio vindo de Colónia, conhecera uma mulher bonita, a quem ele ajudara a passar em contrabando certos objectos pela fronteira e que, chegado à estação, levara ao Hôtel du Chemin de Fer.

Era o tipo de aventura que lhe acontecia a todo o momento, quase sem querer. Ela não se chegara a despir. Dissera:

— A minha cunhada espera-me às quatro e meia e o meu marido chega às seis...

Era essa a razão para já se ter lavado antes de chegar a casa dos Krull. Não lhe perguntara o nome. Ela entrara num eléctrico amarelo.

— Já conheceu quase toda a família — explicava conscienciosamente Joseph, enquanto o primo abria a mala e tirava alguns pequenos objectos. — A mãe trata da loja...

— Porque é que ela chamou Pipi àquela mulher? É um nome?

— Um apelido! Essa mulher é o pesadelo da minha mãe. Vive com a filha e um vagabundo numa barcaça abandonada da qual só uma parte emerge do canal. Faz pequenos serviços para os barqueiros, sobretudo os que passam e ficam apenas uns minutos na eclusa. Está bêbeda de manhã à noite e, quando lhe dá na telha, agacha-se em qualquer lado, à beira da água, no passeio, para fazer as necessidades...

— Compreendo.

— A minha irmã Anna, a mais velha...

— Que idade tem?

— Trinta anos! É ela que trata da casa. Quando chegou, ela estava a passar a roupa a ferro na cozinha... A Élisabeth tem dezassete anos... Estuda piano... Quer ser professora...

— E você?

— Eu estou a fazer um doutoramento em Medicina... Daqui a quinze dias, apresento a minha tese sobre o pneumotórax bilateral...

— E o vosso pai?

— Passa os dias na oficina, com o empregado... Quer ir vê-lo?

Era ao fundo do corredor no rés-do-chão, uma divisão cuja porta abria para o jardim. Dois homens, sentados em bancos tão baixos que pareciam estar no chão, trançavam vime para fazer cestos.

Um deles, que com a sua bela barba branca parecia uma estátua de São José, era o pai Krull, Cornélius Krull, aquele

que, depois de ter percorrido como cesteiro toda a Alemanha, depois França, ficara nessa cidade, sem uma razão, tal como se pára naturalmente ao chegar-se ao termo de uma viagem.

Em vez de beijar Hans na testa, traçou-lhe uma pequena cruz com o polegar, num gesto que lhe era familiar, e depois perguntou:

— Como vai o meu irmão Wilhelm?

— Bem... Bastante bem... — respondeu vivamente Hans.

— Ainda vive lá em casa, em Emden? Na última carta que recebi dele, há trinta anos, dizia-me que se tinha estabelecido como sapateiro...

E Cornélius Krull, com um rosto e uma barba como que esculpidas em madeira, continuava a manusear as flexíveis hastes de vime, enquanto uma bola de tabaco de mascar inchava ora a bochecha esquerda, ora a bochecha direita do empregado, o único, que era tão antigo naquela casa quanto o próprio pai Krull.

— Quer ver o meu quarto agora, primo?

Cheirava a deslavado. Era o mais desagradável dos odores da casa e Joseph era entediante, com o seu longo corpo inconsistente, o rosto pálido e sempre sério, o cabelo cortado à escovinha, nem louro nem ruivo, os seus olhos de um azul baço.

— Está também a preparar-se para os exames?

— Já os fiz... Direito... Fui obrigado a deixar a universidade por razões políticas...

— Que faz na Alemanha?

— Nada... Não vou voltar para a Alemanha...

Sentiu que o olhar de Joseph ficava frio, desconfiado.

— Quando estiver mais familiarizado com o francês, irei para Paris e desenrascar-me-ei por lá... Talvez até me naturalize... Vocês já estão naturalizados?

— O pai já era francês antes da guerra. Cumpri o meu serviço militar em França...

Hans não se demorou no quarto de Joseph, que deixou a sós com a sua tese sobre o pneumotórax bilateral... *A radioscopia permitirá, desde o início do pneumotórax bilateral, constatar o colapso pulmonar...*

Eram estas as últimas palavras do caderno. Acordes de piano chocavam contra todas as paredes da casa. Hans foi sentar-se atrás da sua prima Liesbeth, que tinha um longo nariz pontiagudo.

— Ouça lá! O seu irmão não é assim de grandes rambóias, pois não?

Ela sorriu, mas não disse nada.

— Nem a sua irmã Anna!

O papel de parede tinha pequenas flores. O Verão entrava pela janela aberta, com os ruídos da rua e sobretudo o tilintar triunfante do eléctrico amarelo a cada três minutos. A paragem ficava a apenas cinquenta metros, e, a cada vez, ouvia-se o rangido dos freios, que deixavam cair alguma areia nos carris.

— Há pouco — explicava Hans, olhando para a nuca da prima —, fiquei um pouco embaraçado à frente do seu pai...

— Porquê? Por o pai quase não falar?

— Não... Porque ele me pediu notícias do meu...

— Foi embaraçoso?

— Foi, pois! Há quinze anos que o meu pai morreu...

Dizia isto com alegria, e Liesbeth, que se virou bruscamente para olhar para ele, não pôde impedir-se de também sorrir.

— Mas a carta?... A carta que ele escreveu aos meus pais?...

— ... que eu escrevi!

— Porquê?

Coçava a cabeça de forma cómica. Embora fosse o Krull da Alemanha, como se dizia naquela casa, era quase moreno, com uma aparência quase meridional, enquanto os Krull de França conservavam um tom de pele de porcelana dinamarquesa.

— Não sei bem... Pensei que uma carta do meu pai teria mais efeito do que uma carta minha... Imito na perfeição as caligrafias... Então escrevi que o meu filho Hans precisava de passar dois ou três meses em França para aperfeiçoar o francês...

Olhava-a nos olhos e ela via-se forçada a virar a cara.

— Está zangada?

— Não é da minha conta... Mas se o meu pai...

— Vai contar-lhe?

— Quem é que pensa que eu sou?

— Entenda: eu tinha mesmo de sair da Alemanha e só me restavam alguns marcos... Pensei no irmão do meu pai... Questionava-me apenas se, depois de tantos anos, ele continuava a morar na mesma cidade... Acho estranho ver pessoas a permanecerem tanto tempo num lugar...

— E você?

— Vivi em toda a Alemanha, em Berlim, em Munique, também na Áustria, depois em Hamburgo e num barco da Amerika Line...

— Que é que fazia?

— Um pouco de tudo... A bordo do navio, era músico... Em Berlim, trabalhava num cinema...

— É melhor não contar isso por aqui — disse ela, virando-se para o piano.

— Eu sei!

— Então porque é que mo conta logo no primeiro dia?

— Porque sim! — respondeu ele, dirigindo-se para a porta e detendo-se um instante para a olhar de alto a baixo.

Logo a seguir, as notas saíam em chorrilho da sala de estar.

Passaram-se apenas vinte e quatro horas e Hans já se movia pela casa com tanta naturalidade como se tivesse vivido ali toda a infância; reconhecia até, de qualquer canto onde estivesse, a voz de Pipi, que vinha dez vezes por dia buscar

encomendas para os marinheiros, e que a cada vez bebia o seu copinho.

Não somente se familiarizara com o interior, mas também com o exterior. Para já, a cidade não contava. Estavam numa ponta e quase já não faziam parte desta.

A prova é que a menos de cinquenta metros o eléctrico parava, efectuava uma manobra e dava meia-volta.

À frente da casa, o cais era largo, com três ou quatro fileiras de árvores, vigas, madeiras de construção e tijolos que eram descarregados das barcaças...

Do outro lado do canal, uma espécie de terreno baldio ou de campo de manobras, ocupado por uma longa construção vermelha que era o campo de tiro militar; aí, de manhã à noite, ouviam-se as detonações das espingardas *Lebel* como se fossem chicotadas. Mas isso era do outro lado da água. Não fazia parte do Quai Saint-Léonard e, por conseguinte, não contava.

No Quai Saint-Léonard, depois da mercearia Krull, havia apenas mais uma casa ladeada por uma oficina: Marcenaria Guérin.

A seguir, um estaleiro à beira da água, com barcaças em terreno seco e lanchas por acabar: Estaleiro de Construções Marítimas Rideau.

— Nunca passeia ao longo do canal? — perguntou Hans a Liesbeth.

— Não me deixam sair sozinha.

— Então quando é que passeia?

— Ao domingo, quando toda a família vai ao templo.

Pois os Krull de França, tal como os de Emden, continuavam fiéis à fé protestante.

— Nunca se aborrece?

— Ando sempre aborrecida!

Já ele não se aborrecia. Vasculhava a casa, farejava nos menores recantos e entretinha-se com tudo, até mesmo com Anna, que desempenhava o seu papel com grande seriedade.

— Vai tomar queijo, primo?

— Porque é que dizem «tomar»? Porque é que não dizem «comer»?

— Porque em francês dizemos «tomar queijo»... Eu tomo queijo... Tu tomas queijo...

Ele não se esquecia de nenhuma das suas observações, algumas horas depois confrontava-a consigo mesma, com gentileza, um brilho maroto no olhar. E de tempos a tempos, sem razão aparente, lançava um piscar de olhos a Liesbeth, que virava a cara.

Cornélius Krull, depois de ter passado quatro quintos da vida em França, não conseguira aprender francês. Por outro lado, quase esquecera o alemão, e fazia uso de uma curiosa mistura que só a família entendia.

— A Pipi veio outra vez, tia Maria?

Provocava a tia, que era um verdadeiro monumento, e perguntava-lhe com ingenuidade:

— Porque é que tem sempre as duas mãos na barriga?

Dois dias? Nem isso! Há dia e meio que estava ali, desocupado e despreocupado.

Era de manhã, por volta das onze, uma hora de que ele gostava por causa da luz, dos cheiros da cozinha, da campainha da loja, que não parava de soar.

Acabava de subir ao quarto, sem saber bem porquê, depois de ter pegado num pedaço de salpicão do armário. Deitou-se vestido na cama. Escutava. No quarto ao lado, ruídos característicos indicavam que Liesbeth estava a virar o colchão e a ajeitar o cobertor.

De olhos no tecto, onde as moscas tinham deixado um pontilhado, parecia questionar-se:

— Vou?... Não vou?... Tento?... Não tento?...

Mastigou a última dentada de salpicão, levantou-se, limpou os lábios e dirigiu um sorriso a si mesmo ao espelho. Depois, girou suavemente a maçaneta da porta, pôs-se à escuta no

patamar, agarrou no puxador de outra porta e abriu-a sem o menor ruído.

A prova de que não se enganara é que Liesbeth se virava bruscamente, sobressaltada, sem conseguir evitar lançar em redor um olhar assustado.

De que teria ela medo, senão daquilo?

E a cama, que não estava totalmente feita...

E ela, que não trazia um vestido debaixo do avental!...

— Que é que está...?

Ele sorria, piscava o olho ao fechar a porta.

Quando, um quarto de hora depois, ele se afastou na ponta dos pés, tinha um longo arranhão no rosto, mas mais alegria do que nunca no olhar. Não se virou, porque não queria ser demasiado cruel. Girou a maçaneta, devagar, sem barulho, como sabia fazer. E viu...

Viu Joseph, que estava ali, não exactamente ao mesmo nível que ele, pois Joseph descera alguns degraus e surgia apenas da cintura para cima.

Joseph estava pálido, mais pálido do que o costume, com inquietantes contracções no rosto. Parecia estar prestes a fugir, como se tivesse sido apanhado a espreitar pela fechadura.

Hans não levou muito tempo a questionar-se sobre o que devia fazer. Foi automático. Pisgou-se com uma piscadela. Voltou para o quarto, viu pela janela o eléctrico a passar, a massa verde das árvores, reflexos de água cortados pelos troncos, inspirou um pouco, como se ainda sentisse vestígios de Liesbeth espalhados pelo corpo.

À mesa, durante o almoço, Joseph nada disse. Estava tão entediante como sempre, imerso na solenidade da vida.

O velho Cornélius, o único com direito a um cadeirão de vime, nunca falava, e Hans já se perguntara se seria por estupidez.

Anna ocupava-se do primo.

— Como é que chama a isto? — perguntava apontando para o prato.

— Cenouras...

— E isto?

— Carne!

— Costeleta de borrego... Repita... Coste...

Ele tinha vontade de se rir, de dar uma boa cotovelada a Liesbeth, sentada ao seu lado, e até mesmo, porque não?, perguntar em voz alta:

— Como é que chama àquilo que fizemos há bocado?

Continha-se, guardava tudo isso para si, nem sequer sorria abertamente, mas a alegria transbordava da sua pessoa.

— Não comes, Liesbeth? — ralhava a tia Maria.

— Não tenho fome.

No entanto, ele deu-se ao prazer de declarar, num tom que teria caído bem ao solene Joseph:

— Na sua idade, devia ter-se sempre fome!

Ela lançou-lhe um olhar entristecido. Ele viu-lhe a névoa das lágrimas nas pupilas e apertou-lhe alegremente o joelho entre os dedos.

— Não é, Joseph? Você que é médico...

Os restantes não podiam entender. Achavam que aquele era um dia como os outros, embebido em paz e em sol. Não imaginavam que alguns minutos tinham bastado...

De repente, Liesbeth levantou-se, o rosto escondido no guardanapo, e, ao atravessar a porta, ouviu-se o som rouco de um soluço.

— Que tem ela? — inquietou-se a mãe.

E Joseph fitava o primo nos olhos! O velho Cornélius mastigava lentamente, sem pensar noutra coisa, enquanto o empregado, na oficina, mordiscava a bucha que trazia todas as manhãs...

— Não quer caminhar um pouco, primo?

— Chame-lhe Joseph, Hans! — interveio a tia Maria.

Era fim de tarde. A família instalara-se no passeio, de costas para a casa, o tio na poltrona de vime, os outros em cadeiras com assento de palha.

O Sol acabava de se pôr. Uma frescura húmida subia do canal e via-se nascer, entre as árvores, finíssimas faixas de névoa.

Vinte metros mais à frente, no passeio, diante de uma porta, a do marceneiro, outras cadeiras, outras pessoas, mas que nada tinham que ver com os Krull e que não olhavam para o lado deles.

Cornélius fumava um longo cachimbo de porcelana, de olhos semicerrados, a barba tão rígida como a de um santo esculpido. A tia Maria marcava com algodão vermelho os cantos de uma pilha de guardanapos aos quadrados. Anna pegara num livro que não lia, e Liesbeth usara como pretexto um mal-estar para se ir deitar.

O mundo estava quase vazio. As barcaças dormiam. Um fino jacto de água escapava por uma válvula mal fechada da eclusa e punha no ar um ruído de fonte que a cada dez minutos era interrompido pelo estrondo do eléctrico, cujas irrupções se rarefaziam com a noite.

— É isso... Vão passear um pouco... Não voltem muito tarde...

Hans nunca usava chapéu, o que lhe acentuava a desenvoltura. Usava camisas leves, de colarinho aberto, e as suas roupas tinham uma maciez particular que sublinhava a rigidez de Joseph.

Porque é que se desenhavam continuamente pequenos círculos na superfície lisa do canal, como para testemunhar uma vida interior?

Os dois rapazes, da mesma idade, caminhavam em grandes passos lentos.

Não eram apenas da mesma idade, como do mesmo tamanho, e ambos tinham pernas compridas e pés enormes.

— Não diz nada, primo Joseph?

Ao virarem-se, podiam ver a família parada na soleira da casa, e a outra, a do marceneiro, reunida um pouco mais adiante na calçada. Roupas secavam em fios estendidos por cima de uma barcaça.

— Pergunto-me o que quererá fazer com a minha irmã...

— Não pretendo fazer nada!

A parte final da cidade estava por trás deles e à frente já era o campo, ou, melhor, uma zona neutra, com sebes, urtigas, terrenos baldios, mas ainda sem prados nem vacas.

— Espreitou pela fechadura? — perguntava Hans, desenvolto.

Não se virava para o primo. Não era preciso fazê-lo para saber que este estava a enrubescer.

— Se espreitou, há-de ter constatado que ela tinha tanta vontade como eu...

O que ele viu foi a mão de Joseph, uma mão comprida, mas pálida no crepúsculo, uma mão estranhamente desenhada que de súbito começou a tremer.

— Porque veio para nossa casa? — questionava Joseph com uma voz hesitante.

— Porque não sabia para onde ir!

— Porque não foi para outro sítio qualquer?

— Ainda agora lhe disse... O meu pai só tinha um irmão e uma irmã... A irmã está num convento em Lubeque... Não podia ir juntar-me a ela no convento... — E num tom mais leve: — Trabalhou hoje?

— Não!

— Por causa disto?

— Por causa de tudo!

— De tudo o quê?

— De tudo!

As mãos tremiam-lhe. Parara a menos de vinte metros de um bico de gás, o último antes da escuridão definitiva do campo. Hans seguiu a direcção do seu olhar, avistou uma silhueta confusa, um casal de pé, na sombra, um homem e uma mulher enlaçados, a mulher empoleirada na ponta dos pés para colar melhor os lábios aos do companheiro.

— Quem é? — perguntou, sem dar muita importância à questão.

— Sidonie...

— E quem é a Sidonie?

— A filha da Pipi... Não importa...

— Diga lá, Joseph!

— O quê?

— Vocês na família não são todos um pouco... um pouco exaltados?

Não era a palavra certa. Hesitara. Se conhecesse a palavra «aluados», provavelmente tê-la-ia usado.

— Porque pergunta isso?

— Por nada... Porque às vezes penso em determinadas coisas... A irmã do meu pai e do seu, quando quis deixar de ser luterana, na sequência da leitura de não sei que livro, entrou no convento e há quem julgue que ela tem visões... Quando o meu pai morreu, já há dois anos que não conseguia suportar a cor vermelha... Sabe como é que ele morreu?

— O meu pai é normal! — cortou Joseph.

— É possível... Estava a falar só por falar... Há sempre assim tantos barcos no canal?

— Sempre... É o principal porto da cidade...

— Tem muitos amigos?

— Não tenho nenhum!

— E na universidade?

— Ninguém gosta de jovens cuja mãe serve bebidas aos carroceiros...

— Porque é que ela o faz?

— Porque as pessoas do bairro nos consideram estrangeiros e não vão lá... Sem os barqueiros e os carroceiros...

O caminho não passava de uma estreita via de sirga ao longo do canal. Uma chata deslizava lentamente, conduzida por um homem que ia desembarcar engenhos proibidos e que, enquanto manejava a ginga, vigiava as margens.

— Tem alguma amante, Joseph?

— Não...

E era um não rancoroso, agressivo.

— E se déssemos meia-volta?

Voltaram a encontrar o casal, perto do candeeiro de rua, e dir-se-ia que os lábios não se haviam dessoldado. Mais longe estavam os barcos, no terreno seco do estaleiro de construção, a família do marceneiro à frente da primeira casa, por fim a família Krull, com a poltrona de vime, a barba branca, o longo cachimbo de porcelana e o avental aos quadradinhos da tia Maria.

O ar estava azul, as faixas de bruma de um azul mais claro, tudo estava azul, o céu, as árvores, um azul nocturno, e também azul, ao regressarem, o anúncio transparente do *Amidon Remy*.

Antes de abrir a porta do quarto, Hans deteve-se no patamar. Ouviu um som que se assemelhava a um soluço abafado e encolheu os ombros.

Depois, uma vez deitado, apercebeu-se dos passos de Joseph, que, no seu quarto, por cima dele, andava às voltas sem se decidir a dormir.

2

Antes do acontecimento, a terrível descoberta na berma do canal, houve ainda três dias normais e um domingo. Quer isto dizer que Hans soube de tudo, primeiro porque, mesmo deitado, conseguia ouvir o menor rangido e adivinhava o que era, a seguir porque estava em todo o lado, incansavelmente, na cozinha atrás de Anna, na loja enquanto a tia Maria servia de beber a um carroceiro ou discutia com Pipi, no quarto de Liesbeth, onde a prima já não ousava aventurar-se, na oficina e no quarto de Joseph; a maior parte das vezes não o viam entrar e sobressaltavam-se ao dar-se conta dele, interrogavam-se há quanto tempo estava ele ali a vê-los viver.

Não ignorava que Cornélius era o primeiro da casa a levantar-se e que era assim desde o seu casamento. Talvez da primeira vez tivesse sido apenas um acaso e o tio tivesse continuado a fazê-lo. Descia sem fazer barulho, em pantufas, com gestos de rato, como que rilhando. Descia primeiro à cave, onde enchia dois baldes de carvão. Depois, acendia o fogo, e Hans percebia-o através de uma lufada de petróleo, pois Cornélius regava a lenha com petróleo.

A seguir, a porta da loja abria-se; o tio moía o café e, por fim, esperando que a água fervesse, enchia o longo cachimbo.

Às seis horas, trotava nas escadas e ia pousar a chávena de café na mesa-de-cabeceira da mulher.

Hans também sabia...

De qualquer forma, havia algo que ele não sabia e que ficara a saber nesse domingo! Antes de mais, que, embora fechassem os postigos da loja, a porta se mantinha entreaberta e que tanto serviam bebidas como comidas. A seguir, que nem toda a gente ia ao serviço protestante, porque alguém tinha de tratar da loja: à vez, a tia Maria ou Anna ficavam em casa.

Os outros, ao domingo, apanhavam o eléctrico na esquina e só a sua espera na paragem já possuía uma certa solenidade. O tio, de sobrecasaca, as mãos hirtas dentro de umas luvas de croché cinzentas, olhava fixamente em frente. Joseph mantinha o seu ar de tédio e herdara da mãe a mania de inclinar a cabeça de lado, numa atitude nostálgica ou resignada.

Os caminhos do Senhor são insondáveis...

Foi esse o tema do sermão nesse domingo. Ao sair do templo, a cidade estava animada e a feira popular ao rubro no bairro central onde se encontravam.

— Costuma andar nos cavalinhos de madeira, prima? — perguntou Hans a Liesbeth.

Assim que ele a observava, ela julgava-se forçada a enrubescer e Joseph tão-pouco suportava o olhar do primo.

Hans ria-se, percebendo a estranheza daquele desfile da família Krull por entre a multidão da festa. Não apenas saíam do templo em vez de saírem da igreja, não apenas o tio Cornélius mal falava francês, como tudo neles, e até o sorriso resignado de Joseph, era alheio ao que os rodeava.

Em vez de apanharem o eléctrico no sítio onde haviam saído, iam, por tradição, até à paragem seguinte, e, também por tradição, entravam numa pastelaria para comprar um bolo, que Liesbeth segurava pelo fiozinho.

Pobre Liesbeth, que já não ousava encarar o olhar das pessoas e que fazia um drama desse pequeno acontecimento que lhe ferira a carne! O curioso é que ficara mais transtornada por Hans a ter contemplado, por assim dizer, pedaço a pedaço,

do que por aquilo que ele lhe fizera! E ainda agora lhe acontecia fazer um gesto instintivo em direcção ao peito, como para se assegurar de que os seus pequenos seios em forma de pêra não estavam nus!

— Os caminhos do Senhor são insondáveis — anunciou Joseph à mãe, que gostava de saber o tema do sermão.

O senhor Schoof chegou às três horas, com Marguerite. Hans, que ainda não os conhecia, estava ao correr dos menores detalhes da sua vida. O senhor Schoof era o único amigo da família, um alemão naturalizado, também ele, que chegara a França mais ou menos na mesma época que Krull e se instalara na rue Saint-Léonard como comerciante de manteigas e queijos. Era muito pequeno, redondo, rosado, com olhos de miosótis e lábios de criança agarrada ao biberão, e Marguerite não possuía menos frescura no seu corpinho rechonchudo, que fazia pensar em algo comestível.

Não era propriamente noiva de Joseph, mas quase, pois estava decidido desde sempre que se iam casar.

Anna mostrou um novo ponto de croché; Marguerite corou várias vezes ao cruzar o olhar de Hans, que incidia propositadamente no seu corpete tão esticado que quase estalava. Que fazer agora? Nada. Cornélius não falava. Estava na sua poltrona de vime como num retrato de família e raramente retirava o cachimbo da boca, num gesto hierático, para deixar cair algumas sílabas destinadas ao amigo Schoof.

Schoof estava em êxtase. Estavam ambos felizes, na calçada, a olhar para o canal, o eléctrico que passava de tempos a tempos, uma família endomingada que ia fazer uma visita. Sentia-se o odor do chocolate a ser preparado na casa do marceneiro, ali ao lado, onde o domingo tinha mais ou menos o mesmo ritmo, e Hans às vezes observava as mãos de Joseph, pressentia o momento em que estas se crispavam num espasmo, como se de súbito o seu primo fosse tomado por uma vertigem.

— E se subíssemos um instante? — sussurrou ao ouvido de Liesbeth, que estava muito quieta sentada na cadeira.

Teria sido divertido, naquela calmaria, com a janela aberta e a família em círculo no passeio, mas Liesbeth sobressaltou-se, como se lhe dissessem uma blasfémia.

Talvez com Anna? Infelizmente, ela tinha já esse aspecto sólido, coriáceo, da sua mãe, e Hans reparara que ela usava um cinto que lhe dava um aspecto tão pesado quanto o de um armário antigo.

O tempo acabava por passar, visto que a mesa, que se tinha levantado depois do almoço, posto para o lanche e depois levantado outra vez, estava novamente coberta com a sua toalha e os seus pratos, para o jantar.

Hans só saiu depois dessa última refeição, foi dar uma volta na feira popular, sem chapéu, como era seu costume, de mãos nos bolsos, cigarro nos lábios, com aquele ar de quem se sente em casa em todo o lado que aturdia Joseph.

Reparou numa rapariguinha na qual teve quase a certeza de reconhecer aquela que vira na sombra do cais, encostada a um homem, essa tal Sidonie, que era a filha da famosa Pipi.

Seguiu-a durante um bom momento através da multidão. Seguia de braço dado com outra miúda anda mais nova do que ela. Sidonie, apesar dos seus dezasseis anos, fazia o papel de donzela, ou, melhor, de amante elegante.

Devia ter visto *A Dama das Camélias*, e, enquanto se movia no espaço da feira popular, tinha a ilusão de ser o centro das atenções, de ser aquela que granjeava todos os desejos dos homens e a inveja das mulheres.

Isso via-se pelo seu modo de andar, de olhar em volta, de se debruçar para a sua dócil companheira e de, a rir, lhe fazer confidências.

Não era feia. Magricela e pálida, mas com traços finos, um corpinho bem delineado que ela apertava exageradamente no fato para realçar as suas jovens formas.

Os Krull são uma família de imigrantes alemães que vive há gerações na última casa junto ao canal de uma localidade do interior de França. Procuram manter-se discretos e integrar-se, vão ao templo ao domingo, ganham a vida com a sua pequena mercearia, o filho estuda Medicina, mas aos olhos da vizinhança continuam «estrangeiros», merecendo tão-só desconfiança e hostilidade. À medida que o cerco à família aperta quando um terrível crime abala a comunidade, os Krull têm eles próprios de lidar com um hóspede inesperado, de intolerável estranheza e conduta, também ele estrangeiro aos seus olhos, o jovem primo Hans, «o verdadeiro Krull da Alemanha».

Roman dur sombriamente profético sobre a intolerância e o medo, a culpa e a vergonha, escrito num crescendo magistral de tensão, *A Casa dos Krull* foi publicado em 1939, em vésperas da Segunda Guerra Mundial.

«Uma obra-prima sombria. Um estudo calmo, quase tímido, mas aterrador, sobre o ódio racial e a histeria colectiva.»
The Guardian

Penguin Random House Grupo Editorial
www.penguinlivros.pt
cavalodeferro
penguinlivros
ISBN: 978-989-583-651-2